

Entre aves na floresta

A ornitóloga Emilia Snethlage realizou pesquisas pioneiras na Amazônia no início do século XX

NELSON MARCOLIN

A zoóloga alemã Emilia Snethlage aportou em Belém em 1905 para trabalhar no Museu Goeldi e, de cara, começou fazendo história. Foi a primeira servidora mulher contratada pelo estado do Pará e pelo museu, a convite do então diretor suíço Emílio Goeldi. Em 1909 realizou a travessia de uma região desconhecida a pé, entre os rios Xingu e Tapajós, na Amazônia, acompanhada apenas por guias índios. Dirigiu o Museu Goeldi por duas vezes. Antes, fora uma das primeiras alemãs a frequentar uma universidade, em Berlim. Com esse perfil, não é difícil imaginá-la no meio da mata carregando no ombro uma espingarda de caça e nas mãos o caderno de notas, sempre com os olhos postos na folhagem das árvores, observando aves. “O seu *Catálogo de aves amazônicas*, publicado em 1914, é um trabalho minucioso que se tornou referência obrigatória para todos os ornitólogos nas décadas seguintes”, diz Miriam Junghans, historiadora da ciência, doutoranda da Fundação Oswaldo Cruz e estudiosa do tema.



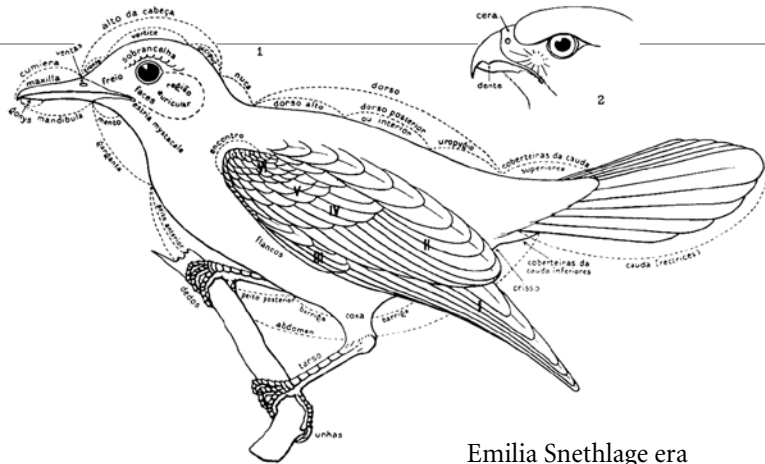


Ilustração de pássaro que consta no *Catálogo de aves amazônicas* e Emilia (em pé), no Museu Goeldi (sem data)

À esquerda, Emilia e sua espingarda com dois guias durante pesquisa de campo. Abaixo, a pesquisadora com funcionário do museu e macaco (sem data)

Emilia Snethlage era natural de Brandemburgo, perto de Berlim. Aos 21 anos passou a educar crianças em casas na Alemanha, Inglaterra e Irlanda. Mas, aos 31 anos, mudou de rumo e ingressou no curso de história natural da Universidade de Berlim. O dinheiro pode ter vindo de suas economias feitas durante 10 anos, ou de uma pequena herança que teria recebido na época, segundo Miriam. Emilia também estudou em Jena e Freiburg, onde se doutorou em 1904.

Na volta a Berlim, trabalhou como assistente de zoologia do ornitólogo Anton Reichenow, decano do Museu de História Natural. Foi por seu intermédio que ela soube da procura de Emílio



Biogeografia das aves da Amazônia foi seu estudo mais original

Goeldi por alguém com formação em ciências naturais – especialidade ainda inexistente no Brasil – e com domínio da língua alemã. Emilia tinha 37 anos e a provável perspectiva de passar a carreira toda como pesquisadora assistente em museus da Alemanha.

Já na Amazônia, ela estaria sempre em campo, faria diferença como cientista e poderia continuar ligada às instituições, periódicos e especialistas europeus por meio de correspondência e viagens ocasionais.

No Museu Goeldi, Emilia começou como assistente de Emílio Goeldi, que a orientou na pesquisa sobre aves. “Ela continuou o projeto iniciado por ele em 1900. Goeldi retornou à Suíça em 1907 e Emilia assumiu a chefia da seção de zoologia; em 1914 publicou o *Catálogo de aves amazônicas*”, diz Nelson Sanjad, pesquisador de história da ciência do Museu Goeldi. “Mas seu trabalho realmente original foram os primeiros estudos sobre a biogeografia de

aves, em que mostrava a distribuição geográfica delas na Amazônia.”

Em 1909 ela percorreu por quatro meses a zona entre os rios Xingu e Tapajós na companhia de sete índios Kuruaya – quatro homens e três mulheres. A aventura exploratória – feita em meio a ataques de malária – derrubou uma hipótese antiga de que haveria uma comunicação hidrográfica entre os dois rios, resultou na coleta de espécimes botânicos e zoológicos, além de levantamentos etnográficos.

Depois de 1914, ela foi duas vezes diretora do museu em um período marcado pela Primeira Guerra Mundial e pela falta de dinheiro e de apoio para a instituição. Por ser alemã, sofreu hostilidades e foi afastada da direção nas duas ocasiões. Em 1922 se transferiu para o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, e continuou a percorrer as matas brasileiras até 1929, quando morreu de um ataque cardíaco em Porto Velho. Tinha 61 anos. Nunca se casou nem teve filhos. “Emilia Snethlage viveu apenas para sua ciência e demonstrava ser ascética. Mas isso não quer dizer que fosse triste. Nos seus relatos percebe-se sua alegria quando escrevia sobre as aves e os índios”, conclui Miriam Junghans.

